

# futuribles

em português

Número 4 • Outubro 2021

Entre marolas e tsunamis  
As trajetórias laborais dos jovens brasileiros

Investir na juventude  
Subsídios de capital e empréstimos circunstanciais

Cidades e as suas estratégias alimentares  
em uma perspectiva histórica:  
O caso brasileiro no passado e na atualidade

A agricultura, a terra, a água e o clima:  
Soluções para um mundo em transição

Os gigantes da internet frente aos Estados

A ascensão do populismo autoritário  
O que dizem as pesquisas sobre valores na Europa

**PLATAFORMA  
DEMOCRÁTICA**

FUNDAÇÃO FHC  
CENTRO EDELSTEIN

[PLATAFORMADEMOCRATICA.ORG](http://PLATAFORMADEMOCRATICA.ORG)



# futuribles

em português

<b>CONSELHO EDITORIAL</b>	<i>Bernardo Sorj</i> <i>Jean-Francois Soupizet</i> <i>Sergio Fausto</i>
<b>TRADUÇÃO</b>	<i>Dorothée de Bruchard</i> <i>Marcela Vieira</i>
<b>REVISÃO TÉCNICA</b>	<i>Otávio Dias</i> <i>Beatriz Kipniz</i> <i>Isabel Penz</i>
<b>DIAGRAMAÇÃO</b>	<i>Lisia Lemes / Lilemes Comunicação</i>

Futuribles em Português.

Número 4 - São Paulo - Plataforma Democrática - Outubro de 2021.

ISSN 2674-8398

## Índice para catálogo sistemático:

Futuro, inovação, tecnologia, meio ambiente, urbanismo, saúde, educação, trabalho, sociedade, governo, políticas públicas, economia.

## © Copyright - Todos os direitos reservados à:

Fundação Fernando Henrique Cardoso  
Rua Formosa, 367, 6º andar, Centro, São Paulo/SP, CEP: 01049-000  
www.fundacaofhc.org.br • e-mail: imprensa@fundacaofhc.org.br



São Paulo (Sede)  
Rua Formosa, 367, 6º andar - Centro  
São Paulo - SP - Brasil - CEP 01049-000  
tel: +55 (11) 3359-5000  
contato@plataformademocratica.org

PERIODICIDADE: Anual

# *futuribles*

*em português*

Número 4 • Outubro 2021

Apresentação	05
Entre marolas e tsunamis As trajetórias laborais dos jovens brasileiros <i>Nadya Araujo Guimarães</i>	09
Investir na juventude Subsídios de capital e empréstimos circunstanciais <i>Julien Damon</i>	33
Cidades e as suas estratégias alimentares em uma perspectiva histórica: O caso brasileiro no passado e na atualidade <i>John Wilkinson</i>	39
A agricultura, a terra, a água e o clima: Soluções para um mundo em transição <i>Guillaume Benoit</i>	60
Os gigantes da internet frente aos Estados <i>Jean-François Soupizet</i>	86
A ascensão do populismo autoritário O que dizem as pesquisas sobre valores na Europa <i>Gilles Ivaldi</i>	107

Versão eletrônica disponível gratuitamente em:  
<http://www.plataformademocratica.org/publicacoes>



# Apresentação

Trabalho e igualdade de oportunidades entre os jovens; cidades, segurança alimentar e meio ambiente; a crescente disputa entre as *Big Techs* e os Estados; e a relação entre populismo e valores no continente europeu. Esses são os temas da **quarta edição da revista anual *Futuribles em Português***, fruto de parceria editorial iniciada em 2018 entre o projeto Plataforma Democrática e a publicação francesa *Futuribles* (fusão das palavras “futuros” e “possíveis”), com sede em Paris. O Projeto Plataforma Democrática é uma iniciativa da Fundação Fernando Henrique Cardoso, em parceria com o Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.

Em artigo inédito, a socióloga Nadya Araujo Guimarães investiga o **ingresso dos jovens brasileiros no mercado de trabalho**, um fenômeno **perpassado por persistentes desigualdades, que se entrelaçam com vários temas da agenda social**. Associada ao CEBRAP, a pesquisadora revisita duas enquetes amostrais de âmbito nacional: a primeira realizada em 2003, ao fim de um período de crise e de contração de oportunidades ocupacionais, financiada pela Fundação Perseu Abramo; e a segunda em 2013, ao fim de um ciclo de aquecimento da economia e expansão das chances de emprego, encomendada pela Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), ligada à Presidência da República.

Segundo Guimarães, as desigualdades operam mesmo em contextos de crescimento econômico e ativação do mercado de trabalho, mas **se aprofundam nos momentos em que múltiplas crises se entrecruzam, desafiando as políticas públicas de inclusão**. “Pensar o engajamento juvenil no trabalho obriga a refletir sobre os elos entre o passado, o presente e o futuro da solidariedade social. Elos esses que parecem, hoje, especialmente esgarçados por uma conjuntura em que se mesclam crises econômica, sanitária e política”, conclui.

No segundo texto, o sociólogo francês Julien Damon propõe **investir na juventude** por meio da dotação a todo jovem de um **capital que lhe permita financiar sua primeira fase de investimento pessoal, acadêmico e/ou profissional**, com o objetivo de garantir maior igualdade de oportunidades entre as categorias sociais. “Ao invés de um suporte mensal, trata-se de um capital consis-

tente destinado aos que atingem a maioria. Na base dessa proposta reside o princípio segundo o qual a luta contra a pobreza e o suporte aos jovens não deve mais passar somente pela assistência aos pais ou mesmo aos jovens diretamente, mas pela **constituição de um patrimônio**”, escreve o professor associado da Sciences Pos Paris e assessor científico da Futuribles International.

O terceiro artigo, escrito especialmente para esta edição por John Wilkinson, sociólogo inglês radicado no Brasil, analisa o **papel das cidades na produção e distribuição de alimentos desde o Brasil Colônia até hoje**. “Neste artigo, focalizamos a centralidade das políticas públicas e o papel das administrações das grandes cidades brasileiras na implementação de determinações da Constituição de 1988 e de leis e programas federais que visam a **segurança alimentar**. À luz do consenso cada vez mais abrangente sobre o papel central de sistemas de alimentação alternativos para a saúde e o meio-ambiente, vislumbramos importantes transformações nos sistemas alimentares urbanos que vão redefinir as **relações históricas entre campo e cidade**”, afirma o professor titular da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, especializado em sociologia econômica.

No quarto texto, o engenheiro francês Guillaume Benoit, membro da Academia de Agricultura da França, mostra de que modo **a terra, a água e a agricultura**, para além de suas funções alimentares e socioculturais, podem cumprir um **papel essencial na luta contra as mudanças climáticas e pelo desenvolvimento sustentável**. O autor nos oferece uma demonstração dos inesgotáveis recursos que a natureza teria a fornecer caso lhe déssemos os cuidados adequados, indispensáveis para a resolução de muitos desafios a que são e serão confrontados nossos contemporâneos e seus descendentes.

“Trata-se da passagem da atual economia exploratória, não sustentável, para uma nova economia renovável, resiliente, produtora de serviços ecossistêmicos, empregos rurais, equilíbrio territorial, justiça social e segurança coletiva. **A questão fundamental é o ‘como’ dessa transição em grande escala**”, escreve o autor, que é membro do corpo de engenheiros responsável pelas políticas de desenvolvimento sustentável do governo francês.

No quinto artigo, o economista Jean-François Soupizet, ex-funcionário da Comissão Europeia (órgão executivo da União Europeia), analisa a atual **queda de braço entre as empresas gigantes da internet e os Estados**, crescentemen-

te questionados pelo poder excessivo das chamadas *Big Techs*, sobretudo as norte-americanas e as chinesas. Essa queda de braço se dá num terreno em que as fronteiras territoriais e as jurisdições nacionais não são claramente demarcadas, criando tensões inéditas entre as *Big Techs*, os Estados nacionais e entre as duas potências do planeta..

“Recentemente, **os Estados despertaram**. Os Estados Unidos, a União Europeia e a China estão tomando medidas severas para controlar a ascensão desse gigantes da internet, um dos fenômenos marcantes das primeiras décadas do século XXI. Os resultados do confronto entre os gigantes da internet e os Estados são ao mesmo tempo incertos e muito diferenciados. Todos eles levantam a questão da **governança do universo digital**, que continua sendo o principal desafio da transição tecnológica”, escreve o consultor científico da Futuribles.

O sexto e último artigo, do cientista político francês Gilles Ivaldi, analisa o conjunto de pesquisas sobre os valores dos cidadãos europeus, realizada regularmente em diversos países da UE desde o início dos anos 1980, com o objetivo de esclarecer **possíveis laços entre populismo e transformação cultural no velho continente**. Como sempre, a realidade é mais complexa do que parece: a efetiva demanda social por autoridade, o retrocesso nos valores morais tradicionais e a evolução da xenofobia diferem muito de um país europeu para outro, sendo a Europa Ocidental clara e duradouramente mais tolerante do que a Oriental.

“A evolução geral dos valores na Europa, tal como é revelada nos dados EVS (*European Values Studies*), sem dúvida não é suficiente para esclarecer as **múltiplas aptidões do fenômeno populista contemporâneo**. As **inseguranças econômicas** desempenham um papel crucial na produção de atitudes xenófobas ou antielitistas, que, por sua vez, alimentam o voto populista autoritário”, concluiu o pesquisador do CNRS (Centro Nacional de Pesquisa Científica, França).

Boa leitura!

**Bernardo Sorj e Sergio Fausto**

Diretores de Plataforma Democrática





# Os gigantes da internet frente aos Estados

JEAN-FRANÇOIS SOUPIZET<sup>1</sup>

*A primeira onda da Covid-19 e o rígido confinamento da população em diversos países da Europa na primavera de 2020 (outono no Hemisfério Sul) provaram o papel crucial das tecnologias de informação, da internet, das plataformas e de todas as ferramentas ligadas a elas para manter as atividades diárias. Paradoxalmente, enquanto grandes setores das economias nacionais colapsavam, as empresas digitais viam seus negócios explodirem, bem como seus lucros. E, neste setor, o bolo é dividido entre alguns poucos grupos gigantes, principalmente americanos e chineses. Com um poder ascendente, esses gigantes da internet passaram a ser fundamentais para a maioria dos usuários-consumidores de bens e serviços, mas também para um número cada vez maior de autoridades públicas.*

*Nesse contexto, são várias as perguntas sobre as consequências desse poder exponencial e da expansão tentacular desses gigantes: como proteger os dados dos usuários? Como os Estados podem preservar a independência e a soberania em áreas de investimentos massivos dessas Big Techs? Quais regulamentos devem ser previstos para barrar sua influência cada vez maior em um contexto de grande rivalidade entre os Estados Unidos e a China, com a Europa ficando pra trás?*

*O economista Jean-François Soupizet apresenta pontos-chaves para compreender a ascensão dos gigantes da internet e sua interferência no funcionamento do nosso cotidiano; ele mostra como, em diferentes continentes, os Estados tentam, na medida do possível, regular a atividade em uma economia digital e globalizada. Por fim, ele esboça três cenários possíveis para o equilíbrio dos poderes entre esses gigantes e os Estados, e seus eventuais resultados. ■*

---

1. Antigo funcionário da Comissão europeia, consultor de desenvolvimento internacional e de estratégias digitais, e conselheiro científico da Futuribles International. Este texto foi finalizado em 13 de julho de 2021.

O papel dos gigantes da Internet na economia global é considerável, e o é mais ainda em nossas vidas. Recentemente, seu papel foi ainda mais reforçado pela pandemia do novo coronavírus. No Ocidente, os GAFA<sup>2</sup> passaram a exercer um poder incontestável em setores inteiros da economia e seus líderes não encontram limites para conquistar o mundo; eles desafiam os Estados, quando não pensam em substituir essas “velhas estruturas que amam a lei”. Na China, a ascensão do BATX (Baidu, Alibaba, Tencent, Xiaomi),<sup>3</sup> baseado em um modelo semelhante ao do GAFA, fez deles mestres de múltiplos setores de atividades, e os serviços que prestam às autoridades os levaram a acreditar que são intocáveis.

Esses novos atores desafiam todos os limites. Isso acontece nos setores econômicos graças à transição digital; acontece nos Estados graças à globalização; e também acontece nas esferas pública e privada com o controle das comunicações e a extensão do alcance dos dados. Sobretudo porque as estruturas estatais liberais estão sendo questionadas sobre suas competências territoriais, seus mecanismos democráticos e sua capacidade de enfrentar desafios locais e globais cada vez mais significativos.

Recentemente, os Estados despertaram. Os Estados Unidos, a União Europeia (UE) e a China estão tomando medidas severas. Aliás, isso não é consequência de um movimento concentrado num momento em que as instituições supranacionais estão praticamente ausentes do debate. São reações específicas à história e à cultura de cada área econômica: leis antitruste nos EUA, a regulamentação do mercado na UE, a primazia do Partido Comunista na China.

Então quais são as soluções para esses confrontos? Deve-se temer a vitória dos gigantes da internet e sua convivência com os regimes autoritários interessados em desenvolver sistemas de segurança cada vez mais tecnológicos e sofisticados? O poder cada vez maior das *Big Techs* poderia levar ao fim dos Estados soberanos tal como os conhecemos, resultando em novas formas de governança? Como estabelecer um equilíbrio entre os gigantes da internet, que são globais e atuam além das fronteiras, e os Estados no médio e longo

---

2. Acrônimo que designa Google, Apple, Facebook e Amazon e às vezes a Microsoft (GAFAM). Também é comum a utilização do termo Big Tech para se referir aos *majors* norte-americanos do digital.

3. BALENIERI, Raphaël, “GAFA américains versus BATX chinois: qui va gagner?”, *Les Échos*, 18 de janeiro de 2020. URL: <https://www.lesechos.fr/tech-medias/hightech/gafa-americains-versus-batx-chinois-qui-va-gagner-1164140>. Consultado em 13 de julho de 2021.

prazo? Todas essas são questões centrais em um debate que, sem dúvida, precisa ser aprofundado, em busca de soluções.

## ***A irresistível ascensão dos GAFAs***

A história econômica lembrará da ascensão dos GAFAs como um dos fenômenos marcantes das primeiras décadas do século XXI.<sup>4</sup> Descrevê-lo é retratar a epopeia de algumas empresas que, em poucas décadas, conquistaram posições monopolistas globais baseando-se inicialmente em mercados secundários, tais como publicidade, venda de livros, terminais de informática de alto nível ou, ainda, relações sociais. Trata-se de constatar que seus serviços, agora indispensáveis para milhões de pessoas, lhes conferem um poder realmente considerável e que rivaliza com o das instituições estatais.

## ***Raízes culturais, uma visão do mundo***

Em vários aspectos, a ascensão dos GAFAs se inscreve na história e na cultura do Vale do Silício, na Califórnia. Essa região permanece profundamente marcada por mitos fundadores da nação americana, da conquista do Ocidente até a corrida do ouro, da rejeição das fronteiras à ideia “das utopias possíveis para refundar o mundo”. Um lugar onde os audazes triunfam, independentemente dos métodos utilizados ou dos riscos incorridos, é também uma terra de liberdade marcada pelas utopias hippie dos anos 1960 e onde, posteriormente, um capitalismo hiper-individualista e especulativo se enraizou.<sup>5</sup> Esse é um contexto cultural específico que Ayn Rand, figura mítica do pensamento libertário norte-americano, expressa em sua visão do homem “como um ser heroico, tendo sua própria felicidade como objetivo moral [...], a realização produtiva como sua mais nobre atividade, e a razão como seu único absoluto”. Verdadeira Meca da tecnologia, o Vale do Silício se caracteriza pelo encontro entre pesquisa, indústrias de tecnologia, especialmente a eletrônica, há décadas estabelecidas, com uma comunidade tecnológica que ga-

---

4. TOLEDANO, Joëlle, GAFAs. *Reprenons le pouvoir!*, Paris: Odile Jacob, 2020 (analisado em *Futuribles*, nº 442, maio-junho de 2021, p. 119-121)

5. BENOIT, Fabien, *The Valley. Une histoire politique de la Silicon Valley*, Paris: Les Arènes, 2019.

rantiu a concepção de produtos e serviços, contribuindo muito para sua difusão.<sup>6</sup>

E, depois, é preciso mencionar a alavanca financeira, com o papel essencial dos agentes de capital de risco, dos quais *Sand Hill Road* é o centro nevrálgico, que fizeram proliferar consideráveis investimentos no ecossistema técnico e industrial, também alimentado por demandas militares e por programas de pesquisa civil da administração dos EUA.

## ***A busca incessante por inovações tecnológicas***

Durante o século XX, os avanços tecnológicos se sucederam ininterruptamente. Eles deram origem a uma indústria eletrônica com notáveis capacidades, que transformou as telecomunicações e deu origem à informática. E os usos dessas tecnologias da informação continuaram se expandindo, graças à linguagem digital que processa dados, voz, escrita, imagens ou links, e que abriu o caminho para a convergência dos mercados. Mas é no século XXI que a indústria de serviços de informação literalmente explodiu graças a várias novas dimensões.<sup>7</sup> Entre elas vale citar os dados em massa, que se tornam a memória de um mundo cada vez mais digitalizado graças à multiplicação dos dispositivos de observação conectados e aos avanços na identificação e geolocalização. E depois há a inteligência artificial (AI), que marca um salto qualitativo decisivo, devido aos algoritmos, da clássica automação para a automação integral. Entramos agora em plena era digital, com seu ritmo rápido de inovação e as mudanças profundas que a transição em curso nos impõe.

## ***E por fim a transformação dos mercados***

Mas a inovação disruptiva não se deve apenas à tecnologia. Ela também é resultado dos modelos de negócios. Novos serviços surgiram com a internet, com os sites, os mecanismos de pesquisa e as plataformas online. Eles se-

6. DURAND, Rémi, *L'Évangélisme technologique. De la révolte hippie au capitalisme high-tech de la Silicon Valley*, Limoges: FYP éditions, 2018. A citação de Ayn Rand é desta obra.

7. PORTNOFF, André-Yves e SOUPIZET, Jean-François, "Intelligence artificielle: opportunités et risque", *Futuribles*, nº 426, setembro-outubro de 2018, p. 5-26.

duziram milhões de usuários porque permitiram acesso fácil à informação, agilizando e dinamizando as inter-relações entre os atores, e se mostraram bastante eficientes ao possibilitar as transações. De fato, as tecnologias deram uma contribuição importante no sentido de colocar o cliente no centro das preocupações da empresa; e esta regra de ouro da economia de mercado se tornou não apenas uma realidade como foi além. Atualmente, graças às informações que obtêm sobre seus clientes de forma contínua, as empresas são capazes de satisfazê-lo, oferecendo-lhe o que ele deseja ou mesmo poderia desejar a cada momento.

Nesse quesito, a economia das plataformas vem demonstrando extrema eficácia. Na verdade, trata-se de um mercado de duas faces. Em primeira instância, o serviço de busca, aparentemente gratuito para o usuário, tem como contrapartida a coleta dos dados de sua pesquisa, que a plataforma analisa e pode comercializar, por exemplo, para o envio de publicidade direcionada. Em segunda instância, a transação é remunerada por uma taxa sobre a venda. Resumindo, a plataforma armazena os dados tanto dos clientes como dos produtores, pois ajuda a fidelizar os primeiros e a reinar de forma absoluta sobre os segundos. Nessa lógica econômica, onde os dados se transformaram em um fator de produção, não pensamos mais em termos de produtos, ou mesmo de mercados, mas sim de ecossistemas em torno da centralidade mantida pelas plataformas.

## ***Inovação disruptiva para uma conquista sem limites?***

A inovação aparece bem no centro dos processos de conquista dos gigantes da internet. E a ruptura vem tanto da tecnologia como do fato de que sua distribuição passa pelo filtro dos mercados. Aqui o fator humano se revela decisivo. São os empresários capazes de discernir os avanços tecnológicos mais promissores que fazem a diferença. Eles costumam partir de uma ideia simples que até então parecia irrealista: como combinar todas as funções de escritório em uma única máquina, reutilizar lançadores espaciais ou construir um carro em torno de uma bateria ao invés de um motor de combustão graças aos avanços na pesquisa.<sup>8</sup>

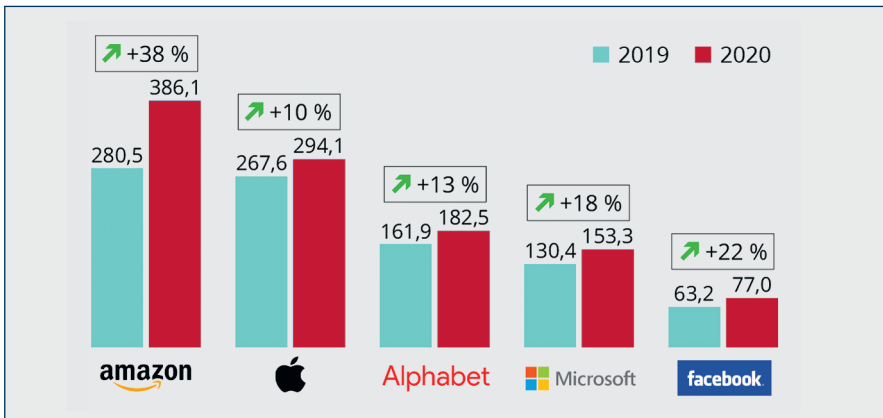
---

8. DUPAS, Alain; MESSINA, Jean-Christophe e SOUSA CARDOSO, Cyril (de), *Innover comme Elon Musk, Jeff Bezos et Steve Jobs*, Paris: Odile Jacob, 2019.

A inovação digital infiltra-se em todas as áreas, trazendo o imediatismo e a abolição das distâncias. A partir de certo limiar, a onda tecnológica torna-se viral e a inovação disruptiva oferece as chaves para uma conquista econômica que ignora limites. Então, a separação entre os setores econômicos se apaga, assim como a separação entre as áreas reservadas à iniciativa privada e aquelas operadas pelo poder público. O mesmo acontece com as fronteiras territoriais, que estão desaparecendo sob o impacto da globalização, especialmente porque as redes de comunicação transformaram o comércio internacional.

### Gráfico 1.

Receita anual dos GAFA, 2019-2020 (em bilhões de dólares)



Fontes: relatórios de empresas em Gaudiaut Tristan, “Les géants de la tech ne connaissent pas la crise”, Statista, 4 de fevereiro de 2021. URL: <https://fr.statista.com/infographie/21595/croissance-chiffre-affaires-gafam/>. Consultado em 15 de julho de 2021.

## Nos Estados Unidos, os quatro Gigantes

Nos Estados Unidos, a paisagem é dominada por quatro empresas: Google, Apple, Facebook e Amazon:<sup>9</sup>

- O Google é o ator central na deificação de dados. A empresa tem praticamente um monopólio virtual graças ao seu mecanismo de busca, mas a matriz Alphabet oferece muitos outros serviços que se beneficiam de sinergias em seu campo de excelência. Assim, ela se tornou líder da publicidade direcio-

9. Galloway Scott, *The Four. Le règne des quatre*, Lausanne: Quanto, 2018.

nada e seus serviços de localização ou de informação passaram a ser indispensáveis graças ao referenciamento e às passagens automáticas de um aplicativo para outro.

- A Apple nos oferece uma gama completa de equipamentos e ferramentas de conexão de alta qualidade, mas seu sistema operacional proprietário (iOS) é uma arma para manter seus usuários e o mercado cativo. Sobretudo, sua Apple Store exige que os consumidores passem por essa plataforma de mercado para qualquer aquisição de aplicativos.
- O Facebook oferece perspectivas ilimitadas de interação social e faz sonhar com a promessa de viabilizar o reconhecimento de outras pessoas. Mas, focada na publicidade online, a empresa abusa de sua estratégia de capturar a atenção dos internautas a custo de informações que jogam com a emoção e favorecem as reações virais.
- Quanto à Amazon, inicialmente uma livraria que se transformou em um gigantesco mercado on-line, ela tem a vantagem de uma oferta extensa de produtos e de uma logística extremamente funcional. Por outro lado, ela decide sobre as regras de referenciamento dos produtores que comercializam em sua plataforma e, no processo, reina suprema sobre eles. Além disso, sua oferta *premium*, faturada abaixo do preço real, parece como um filtro para separar os clientes mais abastados, e uma forma de fechar esse mercado diante dos concorrentes que deveriam consentir com investimentos consideráveis para desafiar sua supremacia.

Sem dúvida, esses gigantes criaram uma riqueza sem precedentes e oferecem múltiplos serviços realmente úteis, mas será que são realmente benevolentes, como afirmam ser?

## ***Na China, as BATX***

Também na China, quatro empresas dominam o cenário. São as BATX, que incluem Baidu para o motor de busca, Alibaba para o comércio online, Tencent para as redes sociais, e Xiaomi, o fabricante de smartphones de primeira linha. Em resumo, um esquema inspirado no GAFA, com um crescimento muito rápido – Baidu foi fundada em 2000, Alibaba em 1999, Tencent em 1998 e

Xiaomi em 2010 – e uma capitalização de primeira ordem, mesmo que permaneça inferior à dos GAFA.

Seu sucesso provavelmente se deve aos mesmos fatores que o dos GAFA: a disponibilidade das novas tecnologias digitais, a compreensão rápida das novas regras econômicas e os amplos financiamentos de que essas empresas se beneficiaram. Deve-se também ao apoio das autoridades chinesas e aos estreitos laços que têm sido mantidos com elas desde os anos 2000.<sup>10</sup> Entretanto, ao contrário do contexto dos EUA, esses crescimentos estão relacionados a estratégias de aquisição muito amplas. A Alibaba, principalmente, tem crescido muito desde 2013 com aquisições em áreas que vão da geolocalização aos serviços da internet, e de títulos de mídias a uma cadeia de supermercados. A Tencent engloba redes sociais, um site de leilões de consumidores, serviços de mensagens e pagamento online. Xiaomi, que em 2020 se tornará o terceiro maior vendedor mundial de smartphones, tem uma grande oferta de produtos eletrônicos. Claramente, existem estratégias paralelas, mas com divergências porque os atores norte-americanos privilegiaram mercados globais desde o começo, o que, pelo menos inicialmente, não aconteceu com os atores chineses. Além disso, a contribuição dessas empresas para o sucesso da estratégia do Estado chinês sempre foi explicitamente reivindicada.

## ***A tomada de consciência por parte dos países***

Depois de passada a euforia ligada às promessas da tecnologia em termos de desenvolvimento econômico e de criação de empregos, os Estados são confrontados com a realidade. Os gigantes da internet inscrevem-se em uma forma de capitalismo puro, sem localização específica ou necessidade de uma ampla força de trabalho, e se beneficiam de uma nova organização internacional do trabalho favorecida pela globalização e pelo livre comércio. Em suma, uma revolução que não cria empregos nem riquezas.<sup>11</sup> E os *majors* dessa área impõem novas regras que minam os equilíbrios econômicos e sociais. Exem-

10. FORTAT, Vivien e MAZZUCCHI, Nicolas, "L'intelligence artificielle en Chine: vers la supériorité technologique ?", *Analyse prospective*, n° 240, 3 de março de 2020, Futuribles International. URL : <https://www.futuribles.com/fr/document/lintelligence-artificielle-en-chine-vers-la-superi/>. Consultado em 13 de julho de 2021.

11. Douglas Rushkoff (ensaísta americano defensor da *open source*), citado por Fabien Benoit, *op. cit.*



plos não faltam. Sem mencionar a otimização tributária comum às multinacionais, a burla do direito da concorrência e dos direitos trabalhistas e o abuso de posição dominante. E o que dizer do direito à privacidade abalado pela criação de perfis de consumidores e pelo comércio dos dados individuais pelas grandes plataformas?

Paralelamente, esses poderosos atores se infiltram em todos os serviços públicos com a otimização das funções logísticas. Eles colocam em xeque até mesmo a governança das cidades com a promessa da “cidade inteligente”. A passos rápidos, estão investindo pesadamente nas áreas de educação, saúde e segurança, onde se tornam cada vez mais imprescindíveis. Até mesmo em áreas antes reservadas ao Estado, como a conquista do Espaço ou o lançamento de criptomoedas<sup>12</sup> que desafiam a soberania monetária dos países

## O EMPREENDIMENTO ECONÔMICO DOS GAFAS SOBRE A ECONOMIA GLOBAL

No final de 2020, a capitalização acumulada dos GAFAs excedeu 7 trilhões de dólares americanos, uma quantia superior ao produto interno bruto (PIB) do Japão, terceira maior economia do mundo. Seu faturamento ultrapassa 1 trilhão de dólares americanos, ou seja, quase 37% do PIB da França. Esse valor deve ser analisado dentro de sua dinâmica: essas empresas estão crescendo 19% em 2020 e, com 60% do mercado, elas já dominam a computação em nuvem, o setor mais promissor. Finalmente, de acordo com a administração norte-americana,<sup>13</sup> dentro de uma década, 30% da produção econômica bruta mundial poderá estar sob o controle dos GAFAs e de algumas outras poucas empresas.

A capitalização das BATX é da ordem de bilhões de dólares americanos, mas o crescimento do faturamento dessas empresas é maior do que o dos GAFAs ■

J.-FS

12. Criação da libra por Libra Networks com o apoio da Facebook Global Holding.

13. <sup>\*</sup> NADLER, Jerrold e CICILLINE, David, N., *Investigation on Competition in Digital Markets*, op. cit. (ver nota 14 abaixo).

Fontes: "La capitalisation boursière des GAFAM", *Atlas Magazine*, abril de 2021. URL: <http://www.atlas-mag.net/article/la-capitalisation-boursiere-des-gafam>; Gaudiaut Tristan, "Les BATX font trembler les Gafa", Statista, 12 de dezembro de 2018. URL: <https://fr.statista.com/infographie/13449/comparaison-valeur-boursiere-et-croissance-annuelle-des-batx-et-gafa/>. Links consultados em 13 de julho de 2021.

## Os EUA: entre a lei antitruste e a preservação da liderança global

Em junho de 2020, depois que os líderes da *Big Techs* foram convocados para uma audiência no Senado dos Estados Unidos, alguns analistas avaliaram que a reação dos gigantes da tecnologia à pressão sobre eles teria sido exitosa. Na verdade, o relatório de um inquérito publicado em outubro de 2020 fornece o panorama mais completo até agora da real posição dos Gafa nesse novo contexto. Esse estudo constata que "empresas que no passado recente eram *startups* caracterizadas pela inquietude ou rebeldia [...] se transformaram em monopólios [...] como os que caracterizaram a era dos barões do petróleo e dos magnatas ferroviários".

A investigação destacou o comportamento anticoncorrencial dessas megaempresas, principalmente o fechamento sistemático do acesso aos mercados, a preferência dada sempre à própria empresa ou as "aquisições letais" de seus concorrentes, sendo que mais de 560 foram registradas desde 1988. E, de acordo com uma pesquisa citada naquele relatório, os cidadãos americanos que se beneficiam dos serviços gratuitos dos Gafa têm dúvidas sobre a transparência dessas empresas: uma grande maioria dos entrevistados afirmou se preocupar com o armazenamento de seus dados pessoais, duvida da imparcialidade dos mecanismos de busca e considera que as *Big Techs* distorcem a concorrência. Além disso, muitos pensam que os donos das *Big Techs* mentem a respeito das reais intenções de suas empresas.

Na conclusão, o relatório recomenda proceder a uma reforma legislativa das leis antitruste norte-americanas que regulam os serviços essenciais, de forma a quebrar as plataformas dominantes por meio da separação estrutural de suas atividades, a adoção de regras antidiscriminação e a sujeição de futuras aquisições à notificação prévia junto às autoridades competentes.<sup>14</sup>

14. NADREL, Jerrold et CICILLINE, David N., *Investigation on Competition in Digital Markets*, Subcommittee on Antitrust, Commercial and Administrative Law of the Committee on the Judiciary, outubro de 2020. URL: [https://judiciary.house.gov/uploadedfiles/competition\\_in\\_digital\\_markets.pdf](https://judiciary.house.gov/uploadedfiles/competition_in_digital_markets.pdf). Consultado em 13 de julho de 2021.

Por sua vez, os GAFA criticaram severamente o relatório, citando sobretudo o papel positivo que essas companhias desempenham na economia e na sociedade norte-americanas, e ameaçando cobrar por alguns dos serviços que hoje são gratuitos. Mas as críticas vêm se multiplicando. A senadora democrata Elizabeth Warren pediu o “desmantelamento dos serviços do Facebook” e membro da Câmara dos Representantes David Cicilline, do mesmo partido, acusa os GAFA de terem “feito de [nossa] economia seu próprio território”. De forma menos esperada, vozes republicanas estão sendo ouvidas, como a do senador Josh Hawley, que apontou para o “inédito poder dos GAFA na economia americana, na imprensa americana, na difusão de informações e na comunicação”. O mesmo acontece com os meios intelectuais, como escreveu a renomada professora da Escola de Negócios de Harvard Shoshana Zuboff em seu recente livro<sup>15</sup>: “Portadores de uma utopia baseada na soberania do indivíduo [...] os GAFA se apresentam cada vez mais como grandes potências e começam a desafiar os Estados mais importantes do planeta”. Embora seu livro de grande impacto não seja unanimemente aprovado, mesmo seus críticos não contestam a sombria constatação que a obra traz.<sup>16</sup>

Até agora, a resistência nos Estados Unidos acontece no terreno legal, apoiada pela legislação antitruste. Foram movidas, por exemplo, ações contra o Google e o Facebook por supostas práticas de anticoncorrência. A Apple está sendo processada por uma coalizão de desenvolvedores de aplicativos<sup>17</sup> por abuso de domínio por meio de sua plataforma App Store. Entretanto, a realidade desse novo mundo se impõe: as ações judiciais muitas vezes chegam tarde, não são necessariamente bem-sucedidas e as multas impostas, mesmo que altas, têm pouca chance de mudar os comportamentos de jogadores tão poderosos.

Entretanto, os tempos estão mudando e os líderes políticos norte-americanos vêm ganhando consciência da situação. Além disso, os eventos de 6 de janeiro de 2021 tiveram, sem dúvida, um efeito revelador. A invasão do Capitólio pelos apoiadores do então Presidente Donald Trump levou os responsáveis por algumas das principais redes sociais a suspender as contas do republicano.

---

15. Em referência ao *Hart-Scott-Rodino Antitrust Improvements Act*, de 1976, trata-se da Federal Trade Commission et du Department of Justice.

16. ZUBOFF Shoshana, *The Age of Surveillance Capitalism: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power*, Nova York: PublicAffairs, 2019.

17. JOIGNOT, Frédéric, “La surveillance, stade suprême du capitalisme?”, *Le Monde*, 14 de junho de 2019.

Ao fazerem isso, eles trouxeram para si uma responsabilidade editorial sem precedentes e optaram por praticar uma censura cuja legitimidade desafiou a classe política americana.

Em fevereiro de 2021, o Congresso dos EUA começou a analisar o *Safe Tech Act*,<sup>18</sup> que propõe reformar a legislação existente relativa à internet,<sup>19</sup> que isenta as redes sociais de perseguições penais por conteúdo postado por seus usuários. A proposta prevê ampliar as exceções a essa proteção, inclusive para mensagens e anúncios pagos e publicidades, em casos de discriminação ou violação de direitos civis, como ocorreu em 2018 no caso do tráfico sexual e da pornografia infantil.

Mais recentemente, um pacote legislativo foi introduzido no Congresso norte-americano. São cinco leis<sup>20</sup> que incluem principalmente novas regras de concorrência a respeito de mercados, de equidade nos mecanismos de busca, de portabilidade de dados e de interoperabilidade de serviços. Além disso, as aquisições de concorrentes seriam acompanhadas de perto. Se forem adotados, esses dispositivos abrirão o caminho para uma ampla reorganização dos gigantes da internet e para um possível desmantelamento de alguns deles.

O contexto é complexo. A concorrência sempre foi o motor do dinamismo econômico americano e, para os defensores da reforma, é vital preservar isso; a nomeação de Lina Khan como chefe da FTC (Comissão Federal de Comércio)<sup>21</sup> parece ir nesse sentido. Mas também é verdade que os gigantes da internet têm um peso econômico considerável e mantêm uma verdadeira capacidade criativa importante para a liderança tecnológica dos Estados Unidos no planeta. Além disso, existe uma grande cooperação entre a administração dos EUA e os GAFA, por exemplo, nos setores espaciais e de segurança. Desmantelá-los, mesmo que parcialmente, é arriscado em um momento de crescente ri-

---

18. "Coalition for App Fairness", lançado pelas 13 empresas, como Spotify, Deezer, Epic Games e Match Group (Tinder).

19. Projeto depositado no dia 5 de fevereiro de 2021 pelos senadores Mark Warner, Amy Klobuchar e Mazie Hirono.

20. É a lei de 1996 que menciona e exclui os sites participativos de perseguições penais para os conteúdos publicados pelos usuários.

21. *American Choice and Innovation Online Act, Ending Platform Monopolies Act, Platform Competition and Opportunity Act, Augmenting Compatibility and Competition, Merger Filing Fee Modernization Act* de 2021.

validade com a China. Trata-se de uma verdadeira queda de braço que dá seus primeiros passos no Legislativo americano, cujo resultado é incerto.

## ***A Europa avança na regulação do conteúdo e dos mercados***

Na Europa, as relações entre os gigantes da internet e os Estados são de responsabilidade principalmente da União Europeia. Em primeiro lugar, por razões jurídicas, já que o Tratado reconhece a competência da União nessa área. Além disso, as disposições do mercado único tornariam inoperantes medidas tomadas estritamente em nível nacional. Por fim, o poder desses jogadores é tal que reduz consideravelmente as margens de manobra dos Estados-membros para agirem individualmente. Como nos Estados Unidos, os serviços dos gigantes da internet são amplamente difundidos e apreciados. O que não impede que muitas vozes, particularmente na França,<sup>22</sup> venham se levantando para denunciar a concentração dos poderes e das riquezas nas mãos de atores dominantes e para apontar as perspectivas de uma sociedade de vigilância estatal ou privada.

Essa posição parece ser bastante compartilhada na UE, ainda que seja preciso matizá-la, principalmente nos países nórdicos, ou, ainda, na Irlanda e em Luxemburgo. E embora seja verdade que, assim como nos Estados Unidos, processos contra os GAFAs sejam regularmente levados aos tribunais, particularmente em matéria tributária e de direito à concorrência, eles também resultam tardios, incertos e, em última análise, ineficazes. Por construção, a UE tem uma forte tradição de regulamentação. Com o setor tecnológico não é diferente, uma vez que uma panóplia de disposições regulamentares já está sendo implementada a respeito da proteção da vida privada dos cidadãos, da proteção dos consumidores, ou, ainda, de luta contra os conteúdos terroristas online. Da mesma forma, as diretrizes sobre direitos autorais e sobre serviços audiovisuais e meios de comunicação visam proteger autores e criadores. Mas a economia das plataformas foge bastante dessas medidas e, em dezembro de 2020, a Comissão Europeia apresentou duas novas propostas: o *Digital Services Act* (DSA) e o *Digital Market Act* (DMA).

---

22. PIQUARD, Alexandre, "Lina Khan, une farouche critique des GAFAs, nommée à la tête de l'anti-trust américain", *Le Monde*, 16 de junho de 2021.

A intenção é regular o espaço de informação europeu<sup>23</sup> para que os direitos fundamentais dos usuários dos serviços sejam protegidos e os demais jogadores (além dos GAFA) sejam tratados em pé de igualdade. O DSA é destinada a serviços intermediários, tais como hospedagem, sites e plataformas e motores de busca. O texto prevê um conjunto de obrigações que dizem respeito às formas de combate a conteúdos ilícitos, o estabelecimento de autoridades competentes em nível nacional e um sistema de alertas. Já o DMA diz respeito à regulação dos mercados. Ela prevê a imposição de limites e restrições aos atores que abusam de seu poder excessivo de mercado e controlam os acessos aos mercados (*gatekeepers*). A esse respeito, é possível destacar a proibição da discriminação de outros fornecedores em favor dos serviços oferecidos diretamente pela plataforma, obrigações de interoperabilidade ou a obrigação de compartilhar dados fornecidos ou gerados pelo usuário. Essas novas disposições referentes ao mercado europeu devem começar a mostrar seus primeiros resultados ainda em 2021.

A regulação do universo digital está entre as prioridades da Comissão Europeia (órgão executivo da EU, sediado em Bruxelas). Mas quais são as chances de sucesso dessas iniciativas? Em primeiro lugar, elas se depararão com o fato de que a UE não é uma potência política monolítica. Os interesses dos Estados-membros com frequência divergem e as decisões finais são, necessariamente, resultado de compromissos entre eles. Esse é um terreno de manobra que os GAFA não perderão a oportunidade de explorar. As regulações europeias deverão enfrentar ainda uma eventual oposição dos Estados Unidos em negociações comerciais ou em questões relacionadas com a extraterritorialidade do direito americano. Posteriormente, sua implementação poderia ser freada pelas restrições financeiras ou processuais que os GAFA causarão, e estes, por sua vez, poderão contestar o excesso de zelo de Bruxelas. Além disso, a UE não tem atores alternativos para disputar esse mercado, apesar dos esforços europeus em avançar no campo da inteligência artificial,<sup>24</sup> ou, ainda, dos projetos para retomar o controle dos dados europeus.<sup>25</sup> Na França, foi possível ver

23. Durante o debate que aconteceu no Senado sobre os gigantes digitais, em junho de 2021, a classe política francesa pareceu muito consciente dos desafios e riscos da atual situação.

24. Expressão popularizada por Thierry Breton, comissário europeu no Mercado interno.

25. "Un plan coordonné dans le domaine de l'intelligence artificielle", Bruxelas: Commission européenne, communication COM(2018) 795, 7 de dezembro de 2018.

os efeitos dessa situação em dois exemplos recentes: os dados franceses de saúde, cuja hospedagem foi confiada à Microsoft pelo *Health Data Hub*,<sup>26</sup> e os dados de pequenas e médias empresas francesas, entregues à Amazon pelo BpiFrance (banco público francês de investimento)

## ***Em Pequim, os gigantes da internet assumem o controle***

De maneira menos prevista, 2020 também foi o ano em que os gigantes da tecnologia digital chineses ganharam terreno, inclusive internacionalmente. É claro que a situação chinesa não pode ser comparada à dos Estados Unidos, mesmo que o país tenha grandes ambições no campo digital e que as autoridades em Pequim tenham favorecido a ascensão de atores capazes de jogar o jogo digital no mesmo pelotão dos grandes.

Com a ambição de conquistar os mercados internacionais, as autoridades em Pequim garantiram normas mais favoráveis a seus campeões; o que também inclui uma capacidade tecnológica que garantiria à China uma predominância militar regional e até mesmo mundial. A política interna, por sua vez, prioriza a estabilidade social e o crescimento econômico no país, com a implantação de um eficiente sistema de controle social<sup>27</sup> e o controle rígido das alavancas econômicas e financeiras.

Em uma dinâmica de crescente abertura internacional, o Alibaba é hoje a empresa mais valorizada da Ásia na Bolsa de Valores de Nova Iorque, e o CEO da empresa, Jack Ma, pretendia abrir também o capital financeiro da poderosa Ant, a filial financeira do grupo. Ao mesmo tempo, ele fez críticas a algumas políticas de Pequim. Essa atitude ilustra o dilema dos gigantes chineses da tecnologia: eles têm uma inclinação natural de se aproximar das expectativas dos consumidores internacionais, inclusive em temas da sociedade; ao mesmo tempo, seu apoio ao regime não pode ser colocado em dúvida.

---

26. "Une stratégie européenne pour les données", Bruxelas: Commission européenne, communication COM(2020) 66 final, 19 de fevereiro de 2020.

27. SOUPIZET, Jean-François, "Données de santé françaises : une alerte. France et Europe face aux géants américains et chinois", *Futuribles*, nº 440, janeiro-fevereiro de 2021, p. 81-88.

A independência de opinião dos líderes dessas grandes companhias preocupa as autoridades chinesas, também pelos efeitos desses desenvolvimentos tentaculares sobre a economia e pelos riscos que eles representam para o sistema financeiro ao multiplicar as facilidades de crédito sobre pagamentos desmaterializados. Pequim também se preocupa com o ressentimento dos trabalhadores da *gig economy* (simbolizada por Uber ou Deliveroo). E, apesar da cooperação entre as BATX e as autoridades chinesas, estas últimas têm buscado reafirmar seu poder institucional frente aos empresários com diferentes medidas. Entre elas, as mais emblemáticas são aquelas que atingiram justamente o Alibaba com a remoção de seu carismático fundador,<sup>28</sup> o bloqueio da introdução do Grupo Ant na Bolsa e a implementação do controle do WeChat, uma plataforma de pagamento online. Ao mesmo tempo, Tencent, ByteDance, Baidu e Didi foram multadas em março de 2021, e essas e outras empresas foram convidadas a realizar uma “avaliação da segurança conforme seus próprios critérios”, uma forma de autocritica que lembra a era maoísta.<sup>29</sup>

O presidente Xi Jinping declarou que a economia das plataformas encontra-se em uma fase crucial e que ela devia ser dotada de uma governança que dê tanta importância ao desenvolvimento quanto à regulamentação, à concorrência leal e à luta contra os monopólios. E uma campanha na mídia chegou até mesmo a denunciar a exploração das pessoas que fazem entregas por parte dessas empresas.

Assim, em um contexto diferente do existente na Europa e nos EUA, os gigantes da internet na China demonstraram que seu desenvolvimento ameaçava os equilíbrios de poder, e as instituições do regime os lembraram brutalmente de seu dever de contribuir para a ambição nacional de conquistar a liderança tecnológica global e de enfrentar os EUA.

## ***O resto do mundo e o multilateralismo***

Confrontos entre os gigantes da internet e os Estados ocorrem regularmente fora dos exemplos citados acima. Esse foi o caso na Austrália quando o gover-

---

28. DUBOIS DE PRISQUE, Emmanuel, “Le système de crédit social chinois. Comment Pékin évalue, récompense et punit sa population”, *Futuribles*, nº 434, janeiro-fevereiro de 2020, p. 27-48 (NDLR).

29. LEMAÎTRE, Frédéric, “Symbole de la *tech* chinoise, Alibaba tombe en disgrâce”, *Le Monde*, 29 de dezembro de 2020.



no legislou sobre os direitos conexos aos direitos autorais e foi confrontado com um boicote por parte do Facebook. No Canadá, foi o fim do projeto de *smart city* em Toronto,<sup>30</sup> o que mostra que os cidadãos e as autoridades preferiram parar um projeto emblemático em vez de aceitar as condições do Google. Na Índia, o projeto de lei para obrigar as empresas estrangeiras a armazenar os dados pessoais dos usuários em seu território foi revisado com pressão dos Estados Unidos. No Japão, a *Fair Trade Commission*, que está no controle, anunciou a possibilidade de uma investigação sobre a aquisição da Fitbit (um dos líderes mundiais em objetos conectados) pela Google; por outro lado, a Rakuten (primeiro site de venda online do arquipélago) realizou, no início de março de 2021, um levantamento de fundos para o qual a Tencent contribuiu. Entretanto, apesar desses sinais, não há nenhum movimento mundial de oposição ao GAFA e o assunto foi abordado apenas do ponto de vista ético nos debates da ONU.

O único ator global nesta área é ICANN (*Internet Corporation for Assigned Names and Numbers*), uma instância de direito privado sob o protetorado norte-americano. Essa organização oferece um modelo de governança mundial sobretudo privado, que se baseia nos atores interessados e nos usuários da internet. Entretanto, deve-se notar que os debates realizados na Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) graças à combatividade de certos países, entre eles a França, permitiram avanços significativos. Assim, o acordo financeiro alcançado no G7 de junho de 2021, após a mudança de posição dos Estados Unidos, agora sob a administração Biden, abre caminho para a implementação de um imposto mundial sobre as Big Techs.

## ***O que resulta desse confronto?***

A transição tecnológica afirma-se cada vez mais como uma tendência que veio para mudar a forma como vivemos. O mundo digital continuará se expandindo, e suas interações serão cada vez maiores com o mundo real, a ponto de a linha que os separam se tornar por vezes indistinguível. A crescente privatização do mundo e a extensão do apropriado irão se seguir. Nesse movimento, a indústria de serviços de informação assumirá um papel de operador de

---

30. FALLETTI, Sébastien, "Pourquoi Xi Jinping mate les géants chinois du Web", *Le Figaro*, 14 de maio de 2021.

serviços de interesse geral e a posição de seus *majors* será central. Os serviços garantidos pelos gigantes da internet irão invadir cada vez mais os das instituições públicas e, a menos que surja um ecossistema realmente competitivo, recolocando o Estado em seu papel de árbitro, existe um forte risco de que os Estados mantenham apenas os atributos formais de um poder que lhes escapará.

Os resultados desse confronto permanecem incertos, especialmente porque outros fatores entrarão em jogo nos equilíbrios futuros, como a forma do confronto entre a China e os Estados Unidos. Nesse contexto, três trajetórias de evolução podem ser previstas: os gigantes da internet prevalecem, o que simbolizaria o fim dos Estados; os gigantes da internet são diluídos e um multilateralismo realmente se impõe, acompanhado por um retorno à primazia dos Estados; o mundo se fraciona em dois blocos principais, uma regulação democrática no Ocidente, um governo autoritário na China e em seus aliados.

## O ICANN

A Corporação da Internet para Atribuição de Nomes e Números (*Internet Corporation for Assigned Names and Numbers / ICANN*), fundada em 1998 e remodelada em 2016 com os acordos de Marrakesh, é uma organização sem fins lucrativos com sede na Califórnia cuja missão é garantir uma internet mundial segura, estável e unificada. Ela administra os recursos da Internet, principalmente nomes de domínio e os endereços de primeiro nível geográfico ou genéricos. Ela garante as funções centrais, incluindo o Sistema de Nomes de Domínio (DNS) e os registros do servidor raiz, que são gerenciados por 13 organizações diferentes.

A organização, financiada por taxas de nomes de domínio, tem três componentes: uma comunidade que reúne as partes interessadas em todo o mundo, uma organização de caráter executivo e um conselho de administração que a governa. Esse conselho é resultado da comunidade dos atores; é apoiado por cinco comitês consultivos, incluindo o Comitê governamental,

que reúne os Estados, e comitês de caráter mais técnicos, como a Internet Engineering Task Force ou o Grupo de Ligação Técnica, que trata de questões de normalização. ■

**J.-F.S.**

FONTES: ICANN. URL: <http://www.icann.org/>; Internet Society. URL: <https://www.internetsociety.org/>; et Netnod. URL: <https://www.netnod.se/>. Consultados em 15 de julho de 2021.

## ***Possibilidade 1: A supremacia dos gigantes da internet e o fim anunciado dos Estados***

Nesse contexto, os Estados Unidos e a China reforçam sua posição no mundo graças ao apoio de seus respectivos gigantes da internet. Ambos concordam com um pacto de não-agressão mútua e se comprometem com a reformulação do multilateralismo para reconhecer o lugar dos atores privados dominantes. Os GAFA e os BATX adquirem, assim, um status de quase-Estado em troca de sua colaboração na gestão do mundo. Em um primeiro momento, é a governança público-privada que se instaura.

Em nível mundial, a governança é garantida por instâncias sobre o modelo da ICANN para as questões que mobilizam a indústria e a pesquisa (especial ou ambiental), ou sobre a Fundação Bill & Melinda Gates para as principais áreas de ação social (saúde, educação, proteção à criança, etc.). As metrópoles que abrigam a maioria da população inscrevem-se no modelo da *smart city* de acordo com o Google,<sup>31</sup> uma governança baseada em dados e garantida por agências setoriais. Por razões de estabilidade e segurança, as sociedades de supervisão pública ou privada passam a ser o modelo dominante. Progressivamente, porém, os Estados são relegados a um papel formal de consulta sem participação nas decisões; esse é o crepúsculo dos Estados e da organização internacional como a conhecemos.

31. SOUPIZET, Jean-François, "Fin de Quayside à Toronto: les limites du modèle Google pour la *smart city*", *Note de veille*, 4 de junho de 2020, Futuribles International. URL: <https://www.futuribles.com/fr/article/fin-de-quayside-a-toronto-les-limites-du-modele-go/>. Consultado em 15 de julho de 2021.

## ***Possibilidade 2: O despertar dos Estados e o desmantelamento dos gigantes da internet***

Aqui, sob pressão da opinião pública e da sociedade civil por razões ambientais ou devido à aceitabilidade do reinado dos algoritmos, os Estados despertam. Os Estados Unidos impõem controles rigorosos sobre o perímetro de atividade dos GAFA e os limitam a mercados específicos (motores de busca, publicidade, mercados, redes sociais, etc.). A China evolui na mesma direção, lutando contra os monopólios; e, diante das reações internacionais, autoridades temperam as exigências do controle social. A regulamentação europeia da economia das plataformas é implementada e o modelo inspira vários outros Estados. O uso de dados pessoais e inteligência artificial são enquadrados por acordos multilaterais. A verdadeira concorrência se instaura, mesmo que as *Big Techs* americana e chinesa mantenham posições dominantes, as alternativas se multiplicam graças a muitos novos atores. As ONGs têm um papel reconhecido (vigilância, mobilização, coordenação das iniciativas de base, participação no trabalho legislativo, etc.). Instaura-se um multilateralismo revisitado; ele ainda se baseia em estruturas estatais, mas concede um papel maior ao setor privado e à sociedade civil.

## ***Possibilidade 3: Formam-se dois blocos antagônicos, o Oriente e o Ocidente***

Nessa trajetória, o confronto entre os Estados Unidos e a China se exacerba. Dois blocos antagônicos se formam contra um pano de fundo de valores sociais diferentes, democráticos e universais, de um lado, e, de outro, coletivos e alternativos. Parte da Ásia e a Rússia se movem em direção à órbita chinesa, e a Europa se organiza sob a bandeira americana; zonas de influência com geometria variável se desenvolvem de acordo com as oportunidades. A internet torna-se balcanizada conforme o mesmo padrão entre ambas as zonas. A insegurança cresce tanto na esfera real quanto na virtual; trata-se de um mundo dominado por relações de força. Nesse clima, os Estados impõem uma forte regulamentação; no Ocidente, essa regulamentação segue um modelo liberal dentro dos limites de uma política de segurança reforçada. Na China, trata-se de uma regulamentação autoritária e até mesmo ditatorial, na qual o Partido Comunista desempenha um papel central.

\* \* \*

Como ilustrado por essas possíveis trajetórias de evolução, os resultados do confronto entre os gigantes da internet e os Estados são ao mesmo tempo incertos e muito diferenciados. Todos eles levantam a questão da governança do universo digital, que continua sendo o principal desafio da transição tecnológica. ■

# PLATAFORMA DEMOCRÁTICA

FUNDAÇÃO FHC  
CENTRO EDELSTEIN

PLATAFORMADEMOCRATICA.ORG



*Plataforma Democrática* ([www.plataformademocratica.org](http://www.plataformademocratica.org)) é uma iniciativa da Fundação FHC e do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais dedicada a fortalecer a cultura e as instituições democráticas na América Latina, por meio da produção de conhecimento e da promoção do debate pluralista de ideias sobre as transformações da sociedade e da política na região e no mundo. Realiza pesquisas e seminários para estimular o diálogo entre os produtores de conhecimentos e os diferentes atores sociais e políticos sobre temas da atualidade.

Plataforma Democrática oferece uma infraestrutura virtual com uma biblioteca de livre acesso que inclui milhares de textos sobre temas relacionados à democracia na América Latina e um banco de dados sobre instituições de pesquisa na região.

## **As principais áreas de trabalho da Plataforma Democrática são:**

### ***Transformações Geopolíticas Globais e instituições democráticas:***

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/publicacoes#EstadoDemocracia>

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/publicacoes#CambiosGeopoliticos>

### ***Meios de comunicação e Democracia:***

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/publicacoes#MediosComunicacion>

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/publicacoes#EnsaioDemocracia>

### ***Sociedade civil e democracia:***

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/publicacoes#CohesionSocial>

### ***Bibliotecas virtuais:***

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/biblioteca>

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/biblioteca-sociedade>

### ***Coleção Recursos de Pesquisa na Internet:***

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/publicacoes#RecursosPesquisa>

